

ANÁLISE DA CATEGORIA ASPECTO EM LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO UTILIZADOS NAS DÉCADAS DE 1970 A 2000*

Márluce Coan
(UFC)

Maria Polyanne Andrade de Alcântara
(Mestre pela UFC)

RESUMO

Neste artigo, tratamos da categoria Aspecto em livros didáticos de Língua Portuguesa utilizados no Ensino Médio. Buscamos apresentar um panorama histórico, considerando-se livros utilizados nas décadas de 1970, 1980, 1990 e 2000. Nossa pesquisa visa à análise dos seguintes tópicos: a) significados aspectuais; b) uso do *perfeito* e do *imperfeito*; c) papel do participípio; d) Aspecto progressivo; e) usos/funções dos verbos auxiliares aspectuais e f) sufixos marcadores de Aspecto. PALAVRAS-CHAVE: Aspecto, Livro Didático, Ensino Médio.

Introdução

Neste artigo, analisamos o tratamento dado à categoria Aspecto em livros didáticos de Língua Portuguesa utilizados no Ensino Médio. Buscamos apresentar um panorama histórico considerando-se livros utilizados nas décadas de 1970, 1980, 1990 e 2000.

O ensino de Língua Portuguesa vem sendo alvo de profundas críticas há algumas décadas. Faraco (2007, p. 40) afirma que “[...] a intervenção dos linguistas nos debates sobre o ensino de português tem trazido contribuições pedagógicas interessantes”, como, por exemplo, a construção de uma pedagogia da leitura. Algumas mudanças já estão sendo efetivadas, principalmente, depois da publicação dos **Parâmetros**

Curriculares Nacionais (PCNs), em 1998, como o trabalho com gêneros discursivos, em vez de considerar, exclusivamente, o texto literário. Contudo, no tocante aos conhecimentos linguísticos, o ensino segue, por vezes, a tradição gramatical, o que, conforme Ilari (1997), é refletido nos conteúdos dos livros didáticos de Língua Portuguesa, observação confirmada pelo resultado da avaliação dos livros didáticos pelo PNLD/2008 (2007) e pelo PNLEM/2009 (2008).

1. A categoria Aspecto

Aspecto refere-se ao modo como se vê a constituição temporal de uma situação: como um todo único sem distinção de fases (aspecto perfectivo) ou em sua constituição interna (aspecto imperfectivo), conforme atesta Comrie (1981, p.03).

Na literatura linguística sobre Aspecto, encontra-se, frequentemente, uma correlação entre aspecto perfectivo e situação de curta duração, por um lado, e entre aspecto imperfectivo e situação de longa duração, por outro. Para Comrie (1981), porém, é possível utilizar ambos os tipos aspectuais para fazer referência a uma extensão temporal, o que vale dizer que uma situação perfectiva pode ser vista em fases, ou seja, pode apresentar estrutura interna desde que isso não afete a sua visão como um todo único. Já o imperfectivo sofre restrições que o impedem de ser utilizado para indicar uma situação vista em sua globalidade.

Logo, é inadequado dizer que formas perfectivas indicam situações de curta duração, descrevem uma situação delimitada, indicam uma situação pontual ou momentânea; bem como é inadequado dizer o oposto para formas imperfectivas (conforme Comrie, 1981). De acordo com o autor, é possível que formas perfectivas sejam usadas para codificar situações que são internamente complexas, ou seja, situações que se prolongam no tempo ou incluem um número de fases, desde que a situação seja tomada como um todo único. A alusão feita à constituição temporal interna de formas perfectivas ocorre normalmente pelo significado lexical do verbo em questão, por expressões adverbiais ou por facetas do próprio contexto.

As combinações de verbo perfectivo mais advérbio de tempo indeterminado (*sempre/nunca*), por exemplo, expressam a duração de uma situação no passado, por isso podem ser confundidas com o aspecto imperfectivo. Mateus *et al.* (1983) consideram o advérbio, em português, como um dos processos de expressão da categoria aspecto.

Comrie (1990) chama atenção para o fato de que o estudo de uma categoria gramatical no discurso não deveria ser confundido com a análise do significado da categoria. Ao invés disso, deveria ser investigada a função discursiva da categoria em termos da interação entre significado e contexto. O valor aspectual de uma situação só pode ser estabelecido pela integração de todos os constituintes que participam na sua definição, a saber, verbo lexical, predicado, sujeito, tempo verbal, advérbio temporal-aspectual, contexto.

O contraste entre perfectivo (completo, compacto, bem-delimitado) e imperfectivo (durativo, difuso, não-delimitado) envolve o limite terminal dos eventos em relação ao ponto de referência. Givón (1984) afirma que o Aspecto mais comum do imperfectivo é o durativo/ contínuo e a categoria mais comum associada com o perfectivo é o passado.

Conforme Givón (2005), há duas subdivisões do perfectivo: o *preterit* – codifica eventos passados que são relevantes no momento em que ocorreram e os eventos apresentam-se em sequência; e o *perfect* – representa eventos que ocorreram em um momento anterior e só são relevantes posteriormente, ou seja, eventos cuja relevância está ancorada no tempo de fala, como o exemplo dado pelo autor: “context – *Would you like something to eat now?*, response – *Thanks, I’ve already eaten*”/ contexto – *Você gostaria de comer algo agora?*, resposta – *Obrigado, eu já comi/jantei* (GIVÓN, 2005, p. 158). O fato de o falante já ter jantado só teve relevância diante da pergunta do outro. Para o *preterit*, teríamos: “context – *What did you do then?*, response – *I ate dinner*”/ contexto – *O que você fez então?*, resposta – *Eu jantei* (GIVÓN, 2005, p. 158). O fato de ter jantado não tem relevância no momento atual.

Vimos, acima, a noção de aspecto como visão da situação, mas, frequentemente, essa noção tem sido confundida com a noção de tipo de situação (*aktionsart*). Bache (1982 *apud* Godoi, 1992), seguindo a conceituação de aspecto de Comrie, diz que o aspecto é uma categoria mais ou menos subjetiva que envolve a escolha do falante/escritor entre uma descrição perfectiva ou imperfectiva da situação referida pelo verbo, enquanto a *aktionsart* é uma categoria objetiva que envolve a constituição de uma situação descrita (tipo de situação). A seguir, expomos a tipologia de Vendler (1967), cujo foco está no tipo de situação que as classes verbais expressam.

Vendler (1967), ao tratar do Aspecto, divide os verbos em quatro tipos, de acordo com um esquema de tipos de verbos: **atividade** – o evento dura todo o tempo da ação; **accomplishment** – dentro de um

determinado período de tempo, ocorre a realização do evento; *achievement* – a realização do evento é pontual, só ocorre em um momento; estado – os eventos duram longos períodos de tempo.

Para o autor, um evento como *correr* ou *empurrar uma carroça* é uma atividade, pois, se alguém estava realizando uma dessas atividades e parou no próximo instante de tempo, será verdade que correu ou empurrou a carroça. Porém, *correr uma milha*, *desenhar um círculo* ou *escrever uma carta* são accomplishments, visto que, se alguém realiza um desses eventos e para no próximo momento, pode não ser verdadeiro que tenha realizado tais eventos. Quem para a corrida de uma milha, não correu uma milha; quem para o desenho de um círculo, não o desenhou e quem para a escrita de uma carta, também não a fez. Vendler (1967) afirma que enquanto *correr* ou *empurrar uma carroça* não precisam de um ponto terminal, *correr uma milha*, *desenhar um círculo* ou *escrever uma carta* têm um “clímax”, que deve ser alcançado se a ação é o que afirmou ser.

Alcançar o cume de uma montanha trata-se de um *achievement*. O autor usa este exemplo para diferenciar os verbos accomplishments dos verbos achievements. Se um homem levou três horas para alcançar o cume de uma montanha, não significa que o alcance do cume teve a duração de três horas. As três horas correspondem à subida da montanha até o alcance de seu cume. No entanto, se uma pessoa escreveu uma carta (*accomplishment*) em uma hora, significa dizer que a escrita da carta teve a duração daquela hora. Por isso, os *achievements* referem-se à realização pontual e os *accomplishments* à realização do evento em um determinado período de tempo, ou seja, é possível delimitar a ação.

Quanto aos estados, Vendler (1967) aponta verbos como *amar*, *conhecer*, *saber*. Uma pessoa não poderia *amar*, *conhecer* ou *saber* deliberadamente ou cuidadosamente, tampouco ser acusada ou responsabilizada por *amar*, *conhecer* ou *saber*. Desse modo, os estados não podem ser qualificados como ações. Para os estados, Vendler (1967) faz, ainda, a distinção entre estados específicos e estados genéricos. *Dirigir táxi* (profissão) – *driving a cab* – é um estado específico, pois, em alguns momentos, o motorista “realmente” dirige o seu táxi. Por outro lado, *governar um país* (cargo) – *ruling a country* – é um estado genérico, porque um governante (*ruler*) nunca se envolve em uma atividade específica de governar um país, enquanto que *dirigir táxi* é uma atividade específica de um motorista de táxi (*cabdriver*).

Relacionando os traços de dinamicidade e telicidade à proposta de Vendler (1967), segundo Peres (1993), temos: *accomplishments* (+ dinâmico, + terminativo), *achievements* (- dinâmico, + terminativo), atividades (+ dinâmico, - terminativo) e estados (- dinâmico, - terminativo).

Corôa (2005) observa que, em português, a distinção entre pretérito perfeito e imperfeito se dá não só pelo fato de que, no perfectivo, o evento é contemplado a partir de seu término ou de suas consequências e, no imperfectivo, o evento é surpreendido em pleno desenvolvimento, mas pela oposição entre tempo dêitico (ancorado no momento de fala) e tempo não-dêitico (ancorado em um momento de referência diferente do momento de fala).

Corôa (2005), no entanto, distingue Aspecto (*aspekt*) de modo de ser da ação (*aktionsart*). Termos que, segundo ela, trazem confusão por serem usados como sinônimos nas línguas românicas. A autora classifica o Aspecto como categoria gramatical e o modo de ser da ação como categoria léxico-semântica.

O Aspecto é caracterizado, por Corôa (2005), como o desenvolvimento dos eventos de um estado inicial para um estado final. Segundo ela, o Aspecto é identificado como *duração* por causa da propriedade que os eventos têm de se “estender” por certo período de tempo, por mínimo que seja esse tempo. No entanto, a noção de duração do Aspecto está para além de uma representação linear de Tempo. O mais relevante no Aspecto não é a oposição momentâneo (pontual)/durativo, mas a oposição perfectivo (concluso)/imperfectivo (inconcluso). Assim como os verbos russos, diz a autora, no português, os verbos perfectivos são limitados e os imperfectivos, ilimitados. No perfectivo, podemos indicar o começo e o fim do processo, porém, o mesmo não ocorre com o imperfectivo.

Apesar de o Aspecto ser comumente associado aos pretéritos perfeito e imperfeito, o presente e as formas nominais do verbo podem apresentar noções aspectuais. Corôa (2005) mostra o *gerúndio* como inconcluso (imperfectivo), o *particípio* como concluso (perfectivo), o *infinitivo* sem Tempo, Aspecto ou Modo e diz que o presente nem sempre expressa simultaneidade com o momento da enunciação (para isso, precisamos recorrer a adjuntos temporais como “já”, “agora” etc.). As formas progressivas dizem respeito à maneira de descrever o evento e não à duração deste evento, é uma visão do processo em si sem relação com o momento da enunciação. Além disso, a noção de duração não é indicada somente pela forma progressiva.

Costa (2002) refere-se a Tempo e Aspecto como categorias temporais, uma vez que ambos têm por base referencial o tempo físico. No entanto, diferem semanticamente: Tempo – tempo externo, localização do fato enunciado em relação ao momento da enunciação, de modo geral, são as noções de presente, passado e futuro e suas subdivisões; Aspecto – tempo interno, noções de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim, isto é, tempo decorrido dentro dos limites do fato. Para Costa (2002, p. 20):

O falante chama a atenção para o tempo interno ao fato; é como se “víssemos” o tempo se escoando, como se ele se concretizasse no espaço. Assim, enquanto a categoria de Tempo trata o fato enquanto ponto distribuído na linha de tempo, a categoria de Aspecto trata o fato como passível de conter frações de tempo que decorrem dentro dos seus limites.

A autora mostra alguns equívocos em relação às definições aspectuais que consistem em atribuir ao perfectivo e imperfectivo as seguintes características: perfectivo – de curta duração, com limite, pontual ou momentâneo, acabado; imperfectivo – longa duração, duração ilimitada, durativo, não-acabado. Para ela, o problema está em não se poder generalizar esses traços para todos os casos, por isso, não servem para definir a categoria.

Outro equívoco é afirmar que o perfectivo se refere a fatos acabados e o imperfectivo, a fatos inacabados. Há formas perfectivas no *presente* e no *futuro*, pelas quais o fato é referido como um bloco, e não se pode afirmar que um fato futuro está acabado. Logo, não é adequado afirmar que o perfectivo se refere a fatos acabados, senão o perfectivo seria exclusivo do tempo passado. (COSTA, 2002)

Ao considerar o perfectivo como a forma não-marcada para as nuances da constituição temporal interna e o imperfectivo como a forma marcada, menos previsível, Costa (2002, p. 38) diz que “marcar a categoria de Aspecto em português significa, em última instância, imperfectizar o enunciado” e que a imperfectividade pode ser atualizada por lexemas (verbos, alguns advérbios, adjetivos, algumas conjunções), morfemas (sufixos marcadores de Aspecto: -EAR; -ECER; -EJAR; -ICAR; -ITAR; -ILHAR) ou perífrases (verbos de ligação associados ao gerúndio – imperfectivo em curso – e participio – imperfectivo resultativo – além dos auxiliares aspectuais: *começar (a)*, *ir* e *acabar (de)*.

Quanto aos tempos verbais que atualizam o Aspecto, Costa (2002)

dá ênfase às formas que marcam imperfectividade no Português: gerúndio, particípio, pretérito perfeito composto e pretérito imperfeito (do indicativo e do subjuntivo). O pretérito perfeito composto é o único Tempo composto, de acordo com Costa (2002), que pode portar traço de imperfectividade. Nos Tempos simples, é o pretérito imperfeito que porta esse traço.

Para Costa, a atualização do Aspecto dá-se, ainda, pelos circunstanciais temporais: advérbios, locuções adverbiais, conjunções e formulações oracionais (*Eles vão devagar*, cf. Costa, *op. cit.*, p. 85). Classifica os circunstanciais em: temporais propriamente ditos (*em agosto; sexta-feira passada; agora*); pontuais (*de repente e logo*); de frequência (*de novo; a cada dia; sempre*) e durativos (*o dia todo; por algum tempo*).

É interessante notar que a distinção entre tempo verbal e Aspecto não é simples; por exemplo, o aspecto perfectivo tem uma conotação temporal clara: marca um evento como completado, implicando anterioridade temporal (Fleischman, 1982, p.12). Assim, pode-se concluir com Campos (1997) que a significação se constrói na interpretação de tempo e Aspecto. Travaglia (1991) também entende Aspecto como uma categoria verbal de tempo, não-dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases (tempo interno de realização da situação).

2. Metodologia

Nesta pesquisa, utilizamos como material de análise, livros didáticos de Língua Portuguesa, pois, conforme Ilari (1997, p. 105-106), “o livro didático é um meio potencial de renovação do ensino e um espelho bastante fiel da prática corrente”. Além disso, conforme o autor, ao compararmos livros recentes com os que se editavam há vinte anos, notaremos algumas diferenças óbvias, mas o objetivo principal continua sendo o ensino da nomenclatura gramatical.

Utilizamos uma coleção por década. Para a década de 1970, a coleção escolhida foi *Caminhos da linguagem* (LAJOLO, M.; OSAKABE, H.; SAVIOLI, 1977a, 1977b e 1978); para a década de 1980, *Língua e literatura* (FARACO, C. E.; MOURA, F. M., 1985a, 1985b, 1986); para a década de 1990, *Língua, literatura & redação* (NICOLA, J., 1993a, 1993b e 1993c) e para a década de 2000, *Português: linguagens* (CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. A. C., 2005a, 2005b, 2005c).

Consideramos dois critérios para a escolha dos livros: a) estudos de Leão (2007), Silva e Amâncio (2007), Ribeiro (2008) e Brito (2009),

que fizeram um levantamento dos livros mais utilizados no ensino brasileiro; b) a disponibilidade dos livros didáticos na Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel (Fortaleza-CE).

Para a análise, foi aplicado o seguinte roteiro, elaborado com base nos pressupostos teóricos: o autor do livro didático: a) leva em consideração noções como duratividade, habitualidade, telicidade, iteratividade, dinamicidade, entre outras? b) diferencia o uso do *perfeito* e do *imperfeito*? c) mostra o papel do participio para expressar o aspecto conclusivo? d) ressalta o aspecto progressivo do gerúndio? e) trabalha os usos/funções dos verbos auxiliares aspectuais (começar, acabar de...)? f) explora os sufixos marcadores de Aspecto?

3. Análise da categoria Aspecto nos livros didáticos do Ensino Médio

Para a primeira pergunta: *o autor do livro didático leva em consideração noções como duratividade, habitualidade, telicidade, iteratividade, dinamicidade, entre outras*, de 1970 a 1990, os autores trabalharam de modo restrito. Na coleção de Cereja e Magalhães (2005a, 2005b, 2005c), não evidenciamos nada que pudesse mostrar o trabalho com essas noções.

Merece destaque o livro do 2º ano, de Lajolo, Osakabe e Savioli (1978b). Dos livros didáticos analisados, foram os únicos autores que, ao explanarem o verbo, citaram o Aspecto como uma de suas categorias, além do Tempo, Modo, Voz, Número e Pessoa. Os autores, em uma das unidades do livro, tratam das categorias verbais. No exemplar do professor, dizem que a finalidade da unidade é: “treinar o aluno no reconhecimento e emprego da pessoa, número, tempo, aspecto, modo e voz verbais” (LAJOLO; OSAKABE; SAVIOLI, 1978b, p. 30). As categorias verbais, segundo os autores, provocam alterações no verbo, de acordo com o uso que fazemos dele.

Lajolo, Osakabe e Savioli (1978b) afirmam que o Aspecto é a categoria que modula o tempo, isto é, a maneira pela qual se considera a realização do verbo. Notamos o trabalho com as noções aspectuais em apenas uma questão. Colocamos, em *itálico*, as respostas encontradas no exemplar do professor:

Para fixar melhor a importância dos verbos auxiliares, tente indicar que acréscimo eles trazem em relação aos verbos principais, comparando os enunciados de cada grupo:

1) Eu já **tinha terminado** a lição quando ele chegou.

Eu já **terminei** a lição.

Indica anterioridade do processo de “terminar” em relação ao processo de “chegar”.

2) Você **está chegando** muito **atrasado** no emprego.

Você **chega atrasado** no emprego.

Só pode ser atribuído caráter habitual com o acréscimo de “sempre”, “muitas vezes”, “habitualmente”.

3) Pode **acontecer** um novo desabamento.

Acontecerá um novo desabamento.

Situa o processo no futuro e dá a ele caráter de possibilidade (hipótese).

Explicitamente no futuro [segunda sentença], *tem-se uma certeza (afirmação)*.

(LAJOLO; OSAKABE; SAVIOLI, 1978b, p. 29)

Faraco e Moura (1985b) só trazem, também, uma questão, em que explicitam a dinamicidade. Os autores usam um fragmento do livro *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. Vejamos:

1. Releia o primeiro parágrafo. A cada parte do corpo de Rita Baiana corresponde uma ação. Preencha corretamente as lacunas, conforme o modelo:

a. ilhargas: rebolando

b. cabeça: _____

c. dedos: _____

d. pernas: _____

e. braços: _____ e _____

2. Os verbos que você transcreveu têm caráter:

() estático () dinâmico

(FARACO; MOURA, 1985b, p. 188)

Nicola (1993b), na explicação sobre verbo, refere-se ao aspecto dinâmico deste. Nas atividades, o autor não exercita isso. O autor diz: “Verbo é a palavra variável que indica uma ação, um estado, um fenômeno da natureza. Ao contrário do nome, o verbo tem sempre um aspecto **dinâmico**, indicando um processo devidamente localizado no tempo” (NICOLA, 1993b, p. 93).

Quanto à segunda pergunta do roteiro: *o autor do livro didático diferencia o uso do perfeito e do imperfeito*, os autores de 1970 e 1990

diferenciam bem esses usos, embora os livros careçam de exercícios, mas Cereja e Magalhães (2003a, 2005b, 2005c), em 1980, não falam do perfeito e do imperfeito.

Lajolo, Osakabe e Savioli (1978b) apresentam duas sentenças: (a) *Quebrava os vidros da sala*; (b) *Quebrei os vidros da sala* e dizem:

Um dos enunciados é empregado para dizer que o processo de quebrar foi **acidental** no passado (enunciado ____), ao passo que o outro explicita que o processo foi **habitual** no passado (enunciado ____). A forma verbal destinada a expressar que o processo foi acidental no passado é chamada de pretérito perfeito; a que é destinada a expressar que o processo foi habitual no passado é chamada de pretérito imperfeito. [...] O passado pode, portanto, ser encarado de formas distintas: como acabado (acidental) ou como não acabado (habitual), como anterior ou não a um outro processo no passado. Esta categoria que modula o tempo é chamada aspecto [...] (LAJOLO; OSAKABE; SAVIOLI, 1978b, p. 32).

Apesar de atribuírem ao perfeito e ao imperfeito fatos acabados e não acabados, característica insuficiente, segundo Costa (2002), os autores não se limitam aos pretéritos. Lajolo, Osakabe e Savioli (1978b) explicam que o Aspecto também se manifesta no presente e no futuro:

Vejamos o caso do presente:

- . – Quebro o vidro da sala.
- . – Estou quebrando o vidro da sala.

A 1ª frase é composta de uma forma verbal que indica a realização e o término da ação de quebrar. A 2ª frase indica simplesmente que esse processo está ocorrendo.

Da mesma forma, o futuro pode ser percebido de formas distintas segundo a maneira pela qual se encaram os processos. Observe os enunciados:

- . – Quebrarei o vidro.
- . – Terei quebrado o vidro.

A distinção entre eles é semelhante àquela existente entre o perfeito e o imperfeito no passado: em um se assinala a conclusão do processo: “_____”; em outro, não: “_____”... (LAJOLO; OSAKABE; SAVIOLI, 1978b, p. 32-33).

Os autores atribuem às formas simples do presente (*quebro*) e do futuro (*quebrarei*) a noção de acabado, enquanto que, para as formas compostas do presente (*estou quebrando*) e do futuro (*terei quebrado* –

é não acabado porque está no futuro: *quando você vier, [já] terei quebrado o vidro*), associam a noção de não acabado. Portanto, reconhecem que essas noções não são exclusivas das formas de pretérito.

Consideramos que Nicola (1993b) faz, também, essa distinção, porque o autor não restringe as funções dos pretéritos perfeito e imperfeito às noções de acabado e não acabado:

. **pretérito imperfeito**: emprega-se o pretérito imperfeito do indicativo para designar:

a) um fato passado contínuo, permanente, habitual: “Ele **andava** à toa”, “Nós **vendíamos** sempre fiado”.

b) um fato passado, mas de incerta localização no tempo; é o que ocorre, por exemplo, no início das fábulas, lendas, histórias infantis: “Era uma vez...”

c) um fato presente em relação a outro fato passado: “Eu **estudava** quando ele chegou”.

. **pretérito perfeito**: emprega-se o pretérito perfeito do indicativo para referir um fato já ocorrido, concluído: “**estudei** a noite inteira”. Usa-se a forma composta para indicar uma ação que se prolonga até o momento presente: “Tenho **estudado** todas as noites”. (NICOLA, 1993b, p. 97)

Cereja e Magalhães (2005b) distinguem o perfeito e o imperfeito da seguinte maneira:

– **pretérito perfeito**: transmite a idéia de uma ação completamente concluída:

Eu *joguei* bola ontem.

– **pretérito imperfeito**: transmite a idéia de uma ação habitual ou contínua ou que vinha acontecendo, mas foi interrompida por outra:

Ele sempre me *visitava* ao domingos. (ação contínua)

Nós *fechávamos* a porta quando as visitas chegaram. (ação interrompida).

(CEREJA; MAGALHÃES, 2005b, p. 144)

Por restringir-se a ações concluídas e habituais, a abordagem é restrita. Nos exercícios, o reconhecimento do Tempo é a prioridade:

Leia a anedota a seguir e responda às questões 2 e 3.

Dois camaradas se encontram quando estão passeando com seus cachorros na rua.

Um deles, muito convencido, diz:

– O meu cachorro consegue ler!

O outro, mais convencido ainda:

– Eu já sabia. O meu me contou!

2. Reconheça o tempo em que estão as formas verbais sublinhadas na anedota.

(CEREJA; MAGALHÃES, 2005b, p. 146)

As próximas perguntas do roteiro referem-se ao *aspecto conclusivo do particípio* e ao *aspecto progressivo do gerúndio*. Não há evidências, nos livros de 1970 e 1980, de que os autores ressaltem esses aspectos. Nicola (1993b), no livro do 2º ano, quando trata das formas nominais, afirma:

Em “Chorando, a moça despediu-se”, o gerúndio aproxima-se da **função do advérbio**; é o que ocorre na maioria dos casos, embora o gerúndio também apresente **funções semelhantes às dos adjetivos**, como em “Meu polegar está **doendo**”. Nesse caso, o gerúndio exprime uma ação em desenvolvimento.

Em “Terminada a aula, conversaremos”, notamos que o particípio indica uma ação já concluída e que, por exprimir um estado, desempenha uma **função semelhante à do adjetivo**. Em determinados contextos, o particípio se confunde com o adjetivo: “Era um homem **sofrido**”. Nesse caso, podemos flexionar a palavra **sofrido** exatamente como um adjetivo. (NICOLA, 1993b, p. 116)

Pelas definições de particípio e gerúndio, percebemos que o autor aponta como uma das funções do particípio a indicação de uma *ação concluída* e do gerúndio, a indicação de uma *ação em desenvolvimento*. Nas atividades, Nicola (1993b) trabalha, sutilmente, as funções do particípio e do gerúndio:

A lição de poesia

1.

Toda a manhã consumida
como um sol imóvel

diante da folha em branco:
princípio do mundo, lua nova.

[...]

nem no meio-dia iluminado,
cada dia comprado,
do papel, que pode aceitar,
contudo, qualquer mundo.

2.

A noite inteira o poeta
em sua mesa, tentando
salvar da morte os monstros
germinados em seu tinteiro.
Monstros, bichos, fantasmas
de palavras, circulando,
urinando sobre o papel,
sujando-o com seu carvão.
Carvão de lápis, carvão
da idéia fixa, carvão
da emoção extinta, carvão
consumido nos sonhos.

3.

A luta branca sobre o papel
que o poeta evita,
luta branca onde corre o sangue
de suas veias de água salgada.

[...]

E as vinte palavras recolhidas
as águas salgadas do poeta
e de que se servirá o poeta
em sua máquina útil.
Vinte palavras sempre as mesmas
de que conhece o funcionamento,
a evaporação, a densidade
menor que a do ar.

(MELO NETO, João Cabral de. In: Poesia crítica. Rio de Janeiro, José Olympio, 1982, p. 40-1)

4. Aponte dois gerúndios presentes no texto. Que tipo de ação experi-

me o gerúndio com relação ao tempo?

9. O participio dos verbos transitivos em geral exprime idéia de passividade. O participio dos verbos intransitivos exprime idéia de atividade. Explique por quê.

(NICOLA, 1993b, p. 167-168)

Cereja e Magalhães (2005b) definem o participio e o gerúndio semelhantemente a Nicola (1993b):

O **gerúndio** transmite a idéia de que ação verbal está em curso; desempenha, assim, as funções exercidas pelo advérbio e pelo adjetivo. Observe:

“*Chegando* afinal à terra do futuro esposo, eis que ele saiu de casa e veio *andando* ao seu encontro”.

O **participio** transmite a idéia de que o processo da ação verbal chegou ao fim; pode desempenhar a função de um adjetivo e, nesse caso, concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere.

A jovem não escolhera, foi *escolhida*. (CEREJA; MAGALHÃES, 2005b, p. 147)

Os autores apresentam uma questão interessante a respeito do uso do participio e do gerúndio no texto:

Leia o texto a seguir e responda às questões de 2 a 4.

Juntando tudo, Virgínia fez uma bola e atirou-a no cesto. Meu Deus, que distante lhe parecia aquele tempo. Aquela gente. Bruna casada com Afonso e com uma filha começando a fazer perguntas. Otávia prometendo para breve uma exposição de pintura. Natércio já aposentado, cada vez mais casmurro. Mais fechado. Leticia já famosa, segundo Bruna sugeriu. Conrado enfurnado na chácara, tocando piano e criando pombos... Na casa, em lugar de Frau Berta, ficara uma portuguesa chamada Inocência. Sim, tudo mudara e ficara longe. (Lygia Fagundes Telles)

3. O gerúndio é uma forma nominal que exprime a idéia de que a ação verbal está ocorrendo naquele momento, enquanto o participio transmite a idéia de que o processo verbal chegou ao fim.

a) Que personagens, citadas no texto, dão ao leitor a idéia de estarem estabilizadas, numa situação definitiva? Qual dessas formas nominais é empregada em referência à condição dessas personagens?

b) Que personagens, ao contrário, dão ao leitor a idéia de que estão

- ativas, em permanente ação? Qual dessas formas nominais é empregada em referência a essas personagens?
- c) Que formas nominais são empregadas para caracterizar a personagem Conrado?
- (CEREJA; MAGALHÃES, 2005b, p. 157-158)

Na questão, os autores ressaltam o uso do particípio para caracterizar a situação (definitiva) em que se encontram determinados personagens: Bruna – *casada*; Natércio – *aposentado, fechado* e o uso do gerúndio para expressar a atividade de alguns personagens: a filha de Bruna – *começando* a fazer perguntas; Otávia – *prometendo* uma exposição de pintura. O personagem Conrado é caracterizado por ambas as formas: *enfurnado* na chácara; *tocando* piano; *criando* pombos. Mais do que saber as desinências das formas nominais de particípio (-do) e de gerúndio (-ndo), o aluno precisa compreender para que elas são empregadas em um texto. Por isso, respondemos positivamente à questão para as décadas de 1990 e 2000, considerando-se os livros de Nicola (1993a, 1993b, 1993c) e Cereja e Magalhães (2005a, 2005b, 2005c).

Nenhum dos autores, de 1970 a 2000, trabalha *usos/ funções dos verbos auxiliares aspectuais (começar, acabar de...)*, penúltimo item do roteiro. Não há nada que nos mostre ao menos um tratamento parcial.

Em relação ao último item: *o autor do livro didático explora os sufixos marcadores de Aspecto (como -ecer: envelhecer; -ejar: pestanejar...)*, somente Faraco e Moura (1985b) focam os sufixos *-ear* e *-iar* ao tratarem dos verbos irregulares. A intenção dos autores é ensinar como se conjugam esses verbos. Vejamos exemplos dos exercícios, que objetivam a conjugação correta:

5. Assinale a alternativa em que há erro:
- () Sabemos que você anseia por uma boa colocação no torneio.
 - () Espero que vós anuncieis logo o casamento.
 - () Os cientistas criam muitas cobras.
 - () Esperamos que você remedie a situação.
 - () O rosto dele irradiava uma felicidade infinita.

7. Conjugue:

Incendiar – pres. ind. Odiar – pres. subj. Hastear – pres. ind.
(FARACO; MOURA, 1985b, p. 178-179)

Os autores, quando estudam os processos de formação de palavras, dão como um dos exemplos o verbo *anoitecer*, em que aparece o

sufixo aspectual *-ecer*. Mas os autores só enfatizam a estrutura nas atividades, como é o caso da questão a seguir, portanto, a exploração é restrita:

2. Utilizando o processo da parassíntese, forme palavras derivadas de:

- a. pátria:
- b. grande:
- c. fraco:
- d. alma:
- e. mole:

(FARACO; MOURA, 1986, p. 61)

Concluindo, queremos ressaltar exercícios com os verbos *ser* e *estar*, que estão presentes nos livros de 1970 e 2000. Lajolo, Osakabe e Savioli (1978b, p. 152) dão os seguintes exemplos: (a) *A casa é limpa e alva*; (b) *A casa está limpa e alva*. Os autores dizem que, em (a), o verbo *ser* atribui qualidades definidoras à casa, enquanto que, em (b), as qualidades são momentâneas (verbo *estar*). Os autores usam os exemplos para falar da natureza estática da descrição, em oposição à realidade dinâmica da narração. Segundo eles, a realidade construída com o verbo *ser* é imprecisa, como se fosse *para sempre*, em definitivo. Com o verbo *estar* ocorre o contrário. Outros exemplos dados pelos autores: (c) *A rua é suja. Esgotos à vista. As pedras são mal dispostas. As casas, imundas*; (d) *A rua está suja. Esgotos à vista. As pedras estão mal dispostas. As casas estão imundas*. Lajolo, Osakabe e Savioli (1978b) afirmam que, em (c), ocorre apenas a fixação de um momento, não de algo essencial àquela realidade. Portanto, “imunda” é um estado em que essa rua determinada encontra-se por um tempo qualquer. Em (d), “imunda” é um estado temporário acidental. Conforme os autores:

Afirmar que na descrição não há uma evolução interna que favoreça a transformação, não significa que não haja movimento no interior da realidade construída. A realidade como um todo é que é estática, e o movimento que porventura haja nela é um movimento contínuo, que não provoca evolução interna (LAJOLO; OSAKABE; SAVIOLI, 1978b, p. 152).

Cereja e Magalhães (2005a) apresentam a seguinte questão:

4. Compare estes pares de frases:

Bingo é um *poodle* que ganhei de meu tio.
hoje!

Bingo é faminto

Bingo está um *poodle* que ganhei de meu tio.

Bingo está

faminto hoje!

Como você pode observar, o emprego adequado dos verbos *ser* e *estar* ocorre em situações especiais.

a) Das frases acima, quais são aceitáveis em nossa língua?

b) Comparando as circunstâncias em que um e outro verbo são utilizados, conclua: Quando se empregam os verbos *ser* e *estar*?

(CEREJA; MAGALHÃES, 2005a, p. 128)

Assim como Lajolo, Osakabe e Savioli (1978b), os autores de 2000 querem apresentar o estado inerente que o verbo *ser* atribui ao sujeito e o estado circunstancial do sujeito dado pelo verbo *estar*. Os verbos *ser* e *estar* marcam o limite do fato verbal: *ser* – estado permanente; *estar* – estado limitado, tem um período de vigência. Trabalhar esses verbos faz o aluno entender seus usos/ funções dentro do texto.

Abaixo mostramos, de maneira geral, como foi o tratamento do Aspecto, ao longo das décadas, pelo gráfico 1:

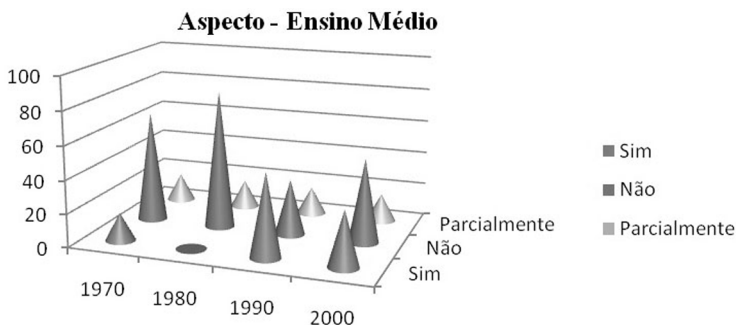


Gráfico 1: respostas às questões sobre Aspecto – Ensino Médio.

A abordagem *parcial* foi a mesma em todas as décadas, correspondendo a 16,66% (as porcentagens são aproximadas: 6 perguntas = 100%). As respostas positivas oscilaram entre 1970 e 2000: 16,66% – 1970; 0% – 1980; 50% – 1990; 33,34% – 2000. O estudo do Aspecto, nos livros didáticos analisados, confirma o que diz Costa (2002, p. 8):

O Aspecto é uma categoria linguística não muito cortejada pelos estudiosos do português, fora do âmbito acadêmico. Uma pessoa pode, pelo menos no Brasil, ir até o fim de sua formação escolar,

inclusive universitária, sem nunca ter-lhe ouvido qualquer referência diferentemente do que se passa com muitas outras categorias, como o Gênero, o Número, a Voz, o Tempo, o Modo, a Pessoa.

É surpreendente que, no Ensino Médio, não haja uma ampliação significativa no tratamento da categoria Aspecto. Observamos que as respostas negativas, apesar de diminuírem em 1990, continuam aparecendo na década de 2000. Pudemos dar respostas *sim* desde a década de 1970, porém elas caem em 1980, aumentam significativamente em 1990 e decrescem em 2000.

O Aspecto mostra a constituição temporal interna dos fatos verbais, ou seja, exprime começo, curso, fim, frequência da ação verbal. Estudar o Aspecto na sala de aula é dar oportunidade ao aluno de conhecer e aplicar outros recursos linguísticos (sufixos aspectuais, auxiliares aspectuais, formas nominais e tempos verbais) na construção textual.

Considerações finais

Ao analisar a categoria Aspecto, verificamos se o autor do livro didático releva as noções de telicidade, habitualidade, dinamicidade, duratividade, entre outras noções semânticas; se diferencia o uso do *perfeito* e do *imperfecto*; se mostra os papéis do gerúndio e do particípio para expressar os aspectos progressivo e conclusivo, respectivamente; se trabalha os usos/ funções dos auxiliares aspectuais, assim como os sufixos marcadores de Aspecto.

Em 1970 e 1980, os autores abordaram noções semânticas do Aspecto e diferença de uso entre *perfeito* e *imperfecto*, porém, parcialmente. Foram as décadas para as quais obtivemos o maior número de respostas negativas para as perguntas do roteiro.

Os autores de 1990 e 2000, embora tenham como prioridade a forma (exposição de conceitos, uso de nomenclatura, aplicação da teoria em exercícios), não trabalham, exaustivamente, as conjugações e as classificações. Os autores já abrem espaço para um estudo reflexivo voltado para o uso da língua – os de 1990, de forma bem restrita; os de 2000 buscam analisar o funcionamento das estruturas linguísticas na construção do texto.

Os autores (nas quatro décadas) trabalharam, parcial e positivamente, os itens: noções semânticas aspectuais; uso do *perfeito* e do *imperfecto*; aspecto conclusivo do particípio e aspecto progressivo do gerúndio; alguns auxiliares aspectuais. As noções aspectuais que mais apareceram, em atividades, no Ensino Médio, são: telicidade,

habitualidade, dinamicidade. A categoria Aspecto é, ainda, pouco trabalhada. Por alguns exercícios, notamos que os autores reconhecem a categoria, mas não exploram, profundamente, suas noções semânticas. É algo a ser mudado. Em relação aos pretéritos *perfeito* e *imperfeito*, no Ensino Médio, em 1970 e 1990, é dada relevância à diferença de uso, mas sem exercícios; em 1980, não há indícios e, em 2000, o trabalho é superficial. As noções aspectuais expressas pelo gerúndio e participio ou os autores destacam nas explicações ou nos exercícios, somente os autores de 2000 tanto explicam quanto exercitam. Pontos que ficaram a desejar em todos os autores foram: os auxiliares aspectuais e os sufixos marcadores de Aspecto.

A falta de equilíbrio entre explanação de um tema linguístico e exercícios sobre o mesmo, levou-nos a dar respostas parciais ou negativas para as perguntas do roteiro: ou os autores explanam o tema e não exercitam ou exercitam e não explanam ou fazem os dois superficialmente. Se há o destaque da categoria em estudo nas atividades, por exemplo, por que não considerá-la na explicação do tópico linguístico? Isso merece ser revisto pelos autores.

ABSTRACT

In this paper, we deal with Aspect categorie in Portuguese language textbooks used in the High School. We show a historical overview considering books used in 1970, 1980, 1990 and 2000. Our research aims to analyze the following topics: a) Aspect meanings; b) use of perfect and imperfect; c) role of the participle; d) progressive Aspect; e) uses / functions of aspectual auxiliary f) Aspect suffixes markers.

KEYWORDS: Aspect, Textbook, High School.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, M. P. A. **O livro didático de língua portuguesa e o tratamento dado às categorias Tempo, Aspecto e Modalidade: uma análise histórico-comparativa entre as décadas de 1970, 1980, 1990 e 2000.** 2010. 215 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de livros didáticos PNLD 2008: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Língua Portuguesa: catálogo do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio: PNLEM/2009.** Brasília: MEC/SEB, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO, T. F. M. F. **Análise de obra didática Português: linguagens, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, e questionamento sobre análise discursiva: o discurso em curso promove à vida?** In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS FILOLÓGICOS E LINGÜÍSTICOS, II, 2009. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2009. Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/iisinefil/textos_completos/analise_de_obra_didatica_portugues_

TERESINHA.pdf >. Acesso em: 2 mai. 2009.

CAMPOS, Maria Henriqueta Costa. **Tempo, Aspecto e Modalidade: Estudos de Linguística Portuguesa.** Lisboa: Porto Editora, 1997.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. A. C. **Português: linguagens: ensino médio.** v. 1. 5. ed. São Paulo: Atual, 2005a.

_____. **Português: linguagens: ensino médio.** v. 2. 5. ed. São Paulo: Atual, 2005b.

_____. **Português: linguagens: ensino médio.** v. 3. 5. ed. São Paulo: Atual, 2005c.

COAN, M. **As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente.** 2003. 238 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

COMRIE, Bernard. **Aspect(3 ed.).** Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

_____. **Tense(4 ed.).** Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

CORÔA, M. L. M. S. **O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

COSTA, S. M. B. **O aspecto em português**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

FARACO, C. A. Por uma pedagogia da variação linguística. In: _____ et al. (orgs.) **A relevância social da linguística: linguagem, teoria e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 21-49.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M. **Língua e literatura: segundo grau**. v. 1. 5. ed. São Paulo: Ática, 1985a.

_____. **Língua e literatura: segundo grau**. v. 2. 5. ed. São Paulo: Ática, 1985b.

_____. **Língua e literatura: segundo grau**. v. 3. 6. ed. São Paulo: Ática, 1986.

FLEISCHMAN, Suzanne. **The future in thought and language**. New York: Cambridge University Press, 1982.

GIVÓN, T. Tense-Aspect-Modality. In: _____. **Syntax: a functional-typological introduction**. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984. p. 269-320.

_____. Propositional modalities. In: _____. **Context as other minds: The Pragmatics of Sociality, Cognition and Communication**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 149-177.

GODOI, E. **Aspectos do aspecto**. Tese (Doutorado em Linguística) – UNICAMP, Campinas. 1992

ILARI, R. **A Linguística e o ensino de Língua Portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LAJOLO, M.; OSAKABE, H.; SAVIOLI, F. P. **Caminhos da linguagem: área de comunicação e expressão: 2º grau**. v. 1. São Paulo: Ática, 1977a.

_____. **Caminhos da linguagem: área de comunicação e expressão: 2º grau**. v. 2. São Paulo: Ática, 1977b.

_____. **Caminhos da linguagem: área de comunicação e expressão: 2º grau**. v. 3. São Paulo: Ática, 1978.

LEÃO, R. M. A. **A leitura no livro didático de Língua Portuguesa: outras formas de dizer**

o mesmo. 2007. 144 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras,

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007. Disponível em: <
http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1803 >.
Acesso em: 28

dez. 2008.

MATEUS, Maria Helena M. et al. A categoria linguística tempo. In: **Gramática**

- da Língua Portuguesa. Coimbra: Livraria Almedina, 1983. (p.104-153)
- NICOLA, J. *Língua, literatura & redação*. v. 1. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1993a.
- _____. *Língua, literatura & redação*. v. 2. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1993b.
- _____. *Língua, literatura & redação*. v. 3. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1993c.
- PERES, João. Towards an Integrated View of the Expression of Time in Portuguese. Lisboa: *Cadernos de Semântica*, n. 14, 1993. (p.01-49)
- RIBEIRO, M. I. F. A Gramática e o livro didático. *Connection Line*, UNIVAG, n. 3, 2008. <http://cascave.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo+1803> Acesso em: 30 mar. 2009.
- SILVA, L. V. C. A.; AMÂNCIO, L. N. B. Livros didáticos de Língua Portuguesa: utilização em Mato Grosso – 1970 a 2000. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL “LIVRO DIDÁTICO: EDUCAÇÃO E HISTÓRIA”, I, 2007. São Paulo. *Anais...* São Paulo: Livro Didático: Educação e História, 2007. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16/sem07pdf/sm07ss13_07.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2008.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil*. 1991 (Dissertação de Mestrado) - UNICAMP, Campinas.
- VENDLER, Z. Verbs and Times. In: _____. *Linguistics in Philosophy*. New York: Cornell University Press, 1967. p. 97-121.

NOTA

* Texto escrito em parceria com Maria Polyanne Andrade de Alcântara, mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará; pesquisadora do Grupo de Pesquisas Sociolinguísticas – SOCIOLIN-CE e professora de Ensino Fundamental e Médio da EEFM João Paulo II em Fortaleza/CE

Data de recebimento: 31 de março de 2012

Data de aprovação: 30 de maio de 2012